

(DES)VELANDO A CIDADE: sociabilidade e formação em Jataí-GO

Sinara Rosa Carvalho e Silva

UFG-Campus Jataí / Curso de Pedagogia / NAPPS
sinaraufg@gmail.com

Anita C. Azevedo Resende

UFG-FE / NEPEEC
anita.resende@pesquisador.cnpq.br

I Considerações iniciais

O presente trabalho resulta de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), que pensa a cidade enquanto mediação no processo de sociabilidade, formação e educação e investiga os sentidos produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da UFG acerca da experiência dos processos de sociabilidade e formação na cidade em Jataí-GO. Trata-se de uma investigação de caráter exploratório com procedimentos predominantemente qualitativos, para a qual observou-se as questões éticas pertinentes.

O documentário “Mange – Urbanista” despertou o interesse por essa pesquisa. Segundo Mange, as transformações nas cidades passam como um furacão urbano, deixando marcas e cicatrizes. As intervenções provenientes dessas transformações no espaço urbano local¹ são verdadeiras cicatrizes urbanas: “Só faltam deixar prédios cortados, quando não é assim que deve ser feito”. Diante do exposto, entende-se que é fundamental a reflexão elaborada sobre os espaços da cidade e suas implicações na constituição das relações de sociabilidade e dos sujeitos que dela participam.

II Desenvolvimento da pesquisa

Iniciou-se a pesquisa com o objetivo de investigar os sentidos e implicações educativas que se produzem no espaço de sociabilidade em um condomínio fechado horizontal de Jataí-GO. Para tanto, pretendia-se tomar as relações que se estabeleciam no

¹ Ao descrever as várias intervenções realizadas no centro da cidade de São Paulo, na década de 1970, para “ajustar” o espaço às transformações já ocorridas.

Condomínio Horizontal “Abelha” (nome fictício), à época maior condomínio horizontal da cidade, de modo a compreender como se estruturam as relações de sociabilidade no referido espaço, quais sentidos são produzidos acerca deste no que concerne às relações e quais as implicações educativas ocorrem neste espaço de socialização, até então novo para a cidade de Jataí.

Quando a pesquisa pretendeu “invadir” o espaço privado do condomínio, não obteve êxito. Apesar de inicialmente os responsáveis colocarem-se à disposição e concordarem em fornecer dados para o mapeamento dos moradores, os mesmos nunca foram disponibilizados de fato. Após meses de contatos para a obtenção das informações, declararam receio com relação à invasão que uma pesquisa poderia representar na rotina dos condôminos. O condomínio seria, para seus moradores, um espaço com suas próprias regras e leis. Em suas palavras: “uma cidade dentro da cidade, a diferença é que temos uma renda *per capita* superior aos que estão de fora” . Sendo assim, afirmaram que “os moradores podem não abrir suas vidas para entrevistas de uma pesquisa”.

Tal afirmação (re)vela este espaço como de apartação, ou antes, de auto-apartação. Nele, os moradores pretendem ausentar-se da vida que se passa fora de seus muros. Mas, na realidade, isso não é possível, pois o referido condomínio é um espaço exclusivamente residencial. Os moradores necessitam cruzar as suas fronteiras para frequentar outros espaços da cidade. Além de não ser possível a ausência total de contato com aqueles cuja renda *per capita* é menor, são estes que adentram o espaço do condomínio como trabalhadores, são os jardineiros, faxineiros, porteiros, etc.

Os contatos com o condomínio continuaram sem que se obtivesse retorno. Por isso foi necessário dar novo rumo às investigações. Evitando os espaços urbanos fechados, a pesquisa partiu para a investigação dos sentidos e implicações educativas que se produzem no espaço da UFG/CAJ, por se destacar no cenário urbano jataiense, como um espaço de sociabilidade destinado à formação. Num levantamento preliminar percebeu-se a ausência quase total de investigações que contemplassem o espaço da UFG no contexto urbano de Jataí e, menos ainda, das relações que os acadêmicos estabelecem com os espaços da cidade. Optou-se por investigar essa problemática privilegiando os alunos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí.

A seguinte questão passou a orientar a pesquisa: **Quais sentidos são produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí acerca da experiência de formação e sociabilidade urbana na cidade em Jataí-GO?**

Investigações acerca da sociabilidade são caras às pesquisas desenvolvidas nas diversas linhas da área de educação. Portanto é pertinente uma investigação que propõe desvelar o processo de sociabilidade na cidade, uma vez que esta constitui-se como espaço privilegiado das relações entre os sujeitos na sociedade hodierna.

Faz-se necessário pensar a cidade por meio dos processos de formação e sociabilidade que nela se desenrolam, pois estes processos são educativos, formativos. “Todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante com esse espaço é de interação ativa, suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação” (CAVALCANTI, 2001, p.21). Destarte, a investigação se norteou pela busca de desvelar a cidade, suas intrincadas relações e os processos que nela se desenvolvem enquanto formas de sociabilidade emancipatórias ou heterônomas de sujeitos concretos.

Realizou-se um levantamento com a finalidade de identificar os estudos que tomam Jataí como objeto. Estes, poucos, constituem-se basicamente em teses e dissertações produzidas em cursos de pós-graduação – Mestrado e Doutorado – entre os anos de 1990 e 2007, serviram de referência para parte das análises realizadas sobre a cidade.

Na primeira etapa da pesquisa empírica foram aplicados questionários, que objetivavam mapear e caracterizar o perfil dos alunos, no universo dos matriculados no curso de Pedagogia da UFG/CAJ, no segundo semestre do ano letivo de 2008. A partir da caracterização dos estudantes formaram-se três grupos que, considerando a relação que mantém com a cidade de Jataí, agrupam os alunos da seguinte forma: (1) **moram em Jataí a vida toda - VT**, (2) **moraram em outro lugar antes de se mudarem para Jataí - AE** e (3) **não moram em Jataí e viajam diariamente para estudar na UFG/Campus Jataí – NM**. Estavam matriculados, 233 alunos. 172 responderam os questionários. Destes, 106 alunos estavam no grupo VT; 60 no grupo AE e 6 estão no grupo NM.

A segunda etapa de coleta de dados, que se constituiu em entrevistas semi-estruturadas, foi feita com sujeitos de cada grupo. Foram 11 entrevistas, cinco com alunas que moram em Jataí a vida toda (VT); cinco com alunas que moraram em outro lugar antes de morar em Jataí (AE) e 1 com aluna que não mora em Jataí (NM). Os grupos entrevistados são homogêneos em sua singularidade, enquanto expressão da heterogeneidade do conjunto estudado.

III Discussão dos resultados

A cidade moderna se constitui, para além do lugar, como um modo de viver. A cidade capitalista, industrial é própria do sistema que a constitui. No entanto, é certa a existência pretérita de diferentes estágios de desenvolvimento da divisão do trabalho, que representaram formas diversas de propriedade, determinando “as relações entre os indivíduos no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho” (MARX e ENGELS, 2006, p.46). O que significa dizer de formas distintas de organizações societárias, remetendo à ideia de distintos arranjos urbanos.

Em verdade, a partir das suas origens a cidade pode ser descrita como uma estrutura especialmente equipada para armazenar e transmitir os bens da civilização e suficientemente condensada para admitir a quantidade máxima de facilidades num mínimo espaço, mas também capaz de um alargamento estrutural que lhe permite encontrar um lugar que sirva de abrigo às necessidades mutáveis e às formas mais complexas de uma sociedade crescente e de sua herança social acumulada (MUMFORD, 1982, 38-39).

A cidade moderna, espaço que se (des)organiza contraditoriamente como realidade estrutural basilar da sociedade capitalista, produz-se contraditoriamente. “Tem uma lógica na necessidade de aglomeração que tem o capital, mas também na necessidade de ocultar contradições sociais” (CAVALCANTI, 2001, p.16). Souza (2003, p.63), afirma tratar-se de uma realidade sócio-espacial complexa, cuja organização interna revela a sua complexidade enquanto produto social.

Quando falamos de ‘sociedade urbana’, não se trata nunca da simples constatação de uma forma espacial. A ‘sociedade urbana’, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação (CASTELLS, 1983, p.127).

Forma específica de organização do espaço no sistema cultural da sociedade capitalista, urbana e industrial, a cidade impõe barreiras. “É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro entre os demais” (ROLNIK, 2004, p.40) É, portanto, expressão de uma organização social e meio determinado tecnicamente.

Este é o espaço onde se passa prioritariamente a vida hodierna. Espaço no qual o movimento se sobrepõe ao repouso. Nele tudo muda de lugar a todo o tempo, tanto as mercadorias como os homens. “Daí a ideia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização” (SANTOS, 1999, p.262, grifos do autor).

Contudo, por mais intensas que sejam as mudanças propostas a/na cidade hodierna, esta não rompe definitivamente com o passado, pois nela coexistem, num processo de tensão e ruptura, o moderno e o tradicional. A cidade guarda em si muito da tradição que a constituiu e, ao mesmo tempo, mostra a agitada rotina da moderna urbe. Vive-se num continuado processo de interação e tensão entre as tradições da comunidade com o moderno da sociedade. A vida em comunidade abarca “tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto” enquanto a sociedade seria “a vida pública – o próprio mundo” (MIRANDA, 1995, p.231-232).

As cidades, por dentro do desenvolvimento das forças produtivas, fornecem o que Lefebvre (1999) chamaria de pano de fundo da sociedade burguesa. Fazem parte das condições históricas, implicadas no capitalismo. Neste palco de contradições bailam as cidades hodiernas. Assim também Jataí que, em sua singularidade, expressa a universalidade das relações que se passam na moderna vida urbana.

Jataí surgiu do campo no final do século XIX e até por volta de 1960 sua economia esteve assentada na agricultura e criação de gado para o abastecimento local. De acordo com Melo (2003) e Silva (2005) a partir da década de 1970, como parte do processo de reprodução e expansão do capitalismo no interior do Brasil, o município passou a viver uma intensa reorganização tanto no cenário rural, quanto no urbano, devido à modernização da agricultura. A produção da agricultura moderna em Jataí acarretou mudanças econômicas e sociais que se espacializaram na cidade. Tais mudanças ocorreram em um contexto de desigualdades, próprio ao capitalismo.

As décadas de 1980 e 1990, constituíram-se num período marcado pela consolidação da modernização da agricultura com a produção de monoculturas para exportação. Foi um período de grande dinamismo no espaço urbano. A partir dos anos 2000, Jataí insere-se em um processo de busca de novas alternativas econômicas, já que a dinâmica produzida pela expansão da fronteira agrícola se vê esgotada. Com objetivo de dinamizar a economia do município iniciou-se a implantação de um polo turístico na cidade. Entretanto, afirma Silva (2005, p.104), vende-se uma imagem fabricada da cidade, com o intuito de

maquiá-la para promover seu desenvolvimento. “Não se divulga a desigualdade social, [...] a situação dos mais de 20% da população encontrados na faixa de pobreza. Não se divulga que os 20% mais ricos detêm cerca de 64% da renda local”.

A configuração sócio-espacial de Jataí se desenvolve no contexto do capitalismo desigual e combinado, em meio a encontros e desencontros, abriga relações não homogêneas, das quais irrompe a injustiça e as desigualdades. Jataí, é representativo de um processo de mudança. É espaço contraditório, de uma sociedade contraditória; não harmônico, mas dinâmico.

Neste contexto, implanta-se a UFG no cenário jataiense. Dourado (2001) trata da implantação do CAJ na sua significação de expressão e consolidação do processo de modernização do país. Como forma de atender tais demandas, tem início a interiorização do ensino superior no estado de Goiás. Neste cenário o CAJ chega a Jataí e se implanta na década de 1980. O mesmo se expande ao longo das décadas seguintes e torna-se importante, tanto para a cidade que o abriga, quanto para a região em que a mesma se localiza. E hoje se constitui como importante espaço de socialização e formação da/cidade em Jataí.

No CAJ destaca-se o curso de Pedagogia, implantado em 1985, é um dos mais antigos e um dos maiores cursos do CAJ. A cidade é o *locus* de formação e socialização que abriga a maioria dos sujeitos da sociedade moderna. Jataí não foge a esta realidade, pois a maior parte de seus moradores habita o espaço urbano. São indivíduos que constituem a cidade ao mesmo tempo em que são constituídos por ela. Dentre tantos, estão os acadêmicos de Pedagogia da UFG/CAJ.

A investigação por meio de questionários revelou que esse curso, no segundo semestre de 2008, era composto exclusivamente por estudantes do sexo feminino, com idades que variavam entre 18 a 57 anos. A maioria das alunas é trabalhadora, mas menos de 50% das trabalhadoras trabalha em educação, área para a qual estão se habilitando. Notou-se que a maior parte das alunas que se mudaram para Jataí vieram de fazendas e cidades do interior, tanto do estado de Goiás como de outros e que chegaram à cidade entre as décadas de 1980 e 1990, nas quais ocorreu a elevação do crescimento demográfico em Goiás, cujo fator fundamental foi a chegada da fronteira agrícola.

Pôde-se elencar marcas e cicatrizes dos processos de formação e socialização, presentes nas acadêmicas entrevistadas, habitantes e/ou frequentadores da cidade de Jataí. As entrevistadas falam de si em particular, mas remetem a universalidade do que é vivido na cidade em Jataí, a partir do que é possível considerar a universalidade da urbe hodierna.

As atividades marcadamente presentes no cotidiano das alunas investigadas relacionam-se à família e à casa, como fazer serviços domésticos, cuidar dos filhos e visitar parentes. Percebeu-se ainda, a relação dos indivíduos com o espaço de formação e sociabilidade que é a cidade de Jataí. Essa relação implica traços da comunidade, embora viva-se num contexto ambíguo, no qual características da moderna sociedade também se fazem presentes.

A forma de socialização comunitária implica relações mais estreitas, há um sentimento de pertencimento nos sujeitos ligados organicamente e por afinidade. Tal realidade denota-se na rotina das alunas, pautada por atividades vinculadas à família. A vida em comunidade abarca “tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto” (MIRANDA, 1995, p.231). A base da comunidade é familiar e a organização por parentesco, solidariedade, sangue e sentimento. Na vida local, com contatos locais, costumes e religiões são comuns. Por isso os sujeitos do grupo mantêm um estreito convívio.

Contudo, é certo afirmar que, ao mesmo tempo em que vivem as tradições da comunidade, as alunas inserem-se num contexto no qual está presente a barulhenta rotina da moderna sociedade. Percebe-se tal condição nas respostas, pois revelam um agitado dia-a-dia, no qual é necessário acomodar atividades diversas, como estudar, trabalhar, praticar esportes, fazer artesanato, entre outras, vê-se um cotidiano frenético e ligeiro.

Na comunidade há homens ‘reciprocamente vinculados de maneira organizada e por sua vontade própria’, que se aceitam positivamente. Na sociedade, os indivíduos ‘não estão essencialmente vinculados mas essencialmente divididos [...]’. A determinante econômica da comunidade é a posse e o gozo dos bens comuns’ [...], enquanto que a da sociedade é o mercado, a troca e o dinheiro (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p.44).

As entrevistas, ao falarem de Jataí como lugar no qual se inscrevem o tradicional e o moderno, explicitam a contradição existente nesta relação. Ao revelarem tal processo, as acadêmicas dizem da tensão vivida na cidade que, ao mesmo tempo em que encanta como um espaço que pode ser considerado pertencente a cada um, surge como algo estranho, na medida em que se transforma cotidianamente. O indivíduo estranha o espaço no qual vive e o outro que vive no mesmo espaço.

O ambíguo processo de interação e tensão é vivido em todos os espaços da cidade. “A capacidade de dominar o espaço, sobretudo apropriando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos ou privados) que se encontram distribuídos, depende do capital que se possui” (BOURDIEU, 1997, p.163-164).

Percebe-se no espaço estabelecido da universidade pública, uma relação semelhante ao que ocorre no espaço privado do Condomínio que inicialmente se pretendia investigar. A UFG/CAJ (re)vela-se, por meio das falas das acadêmicas, espaço de segregação e segregador. Nela se fazem presentes os que possuem capital para ultrapassar os muros do processo seletivo – o vestibular. Mas ainda assim, nem todos vão a todos os lugares, há apartação quanto a questões sociais e econômicas. Os trabalhadores, por exemplo, muito dificilmente conseguirão frequentar os cursos das áreas de Ciências Biológicas e/ou Agrárias, já que em sua maioria são ofertados em turno diurnos ou são integrais. Ficam, portanto, delegados às licenciaturas, que por serem, em sua maioria noturnas, possibilitam dupla jornada aos acadêmicos – trabalho e estudo - como é a realidade das acadêmicas do curso de Pedagogia.

Cabe aqui questionar sobre a qualidade da formação destes estudantes, e conseqüentemente a respeito do profissional que se forma para a sociedade. Os que se formam em cursos de licenciatura unicamente pela falta de possibilidade de frequentarem outros cursos atenderão as necessidades de qualidade que a educação brasileira demanda? Qual seria a relação da formação destes estudantes com a realidade atual da educação no Brasil? São questionamentos, que dentre tantos, surgem a partir da realidade que se observou ao longo da trajetória desta pesquisa, no que tange especialmente a universidade.

Mesmo tendo conseguido chegar à universidade as alunas falam de um distanciamento vivido em relação a própria universidade. O lugar sonhado, embora palpável se conserva distante, é espaço contraditório. Mantém-se distante das próprias alunas, que apesar de frequenta-lo, muitas vezes não são parte dele e, distante também da comunidade jataiense, que nem ao menos chega a frequentá-lo. Nesse sentido, entende-se quem, “pode-se ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando se não se dispõe dos meios tacitamente exigidos [...]” (BOURDIEU, 1997, p.165). Toma-se a Universidade, importante espaço de socialização da/na cidade, como um emblema da reprodução das condições vividas na cidade e, assim como nesta, os sentidos se estabelecem em contradição.

III Considerações finais

O estudo da cidade é amplo e muitas de suas facetas ainda cabem à educação fazê-lo, especialmente no que concerne as relações estabelecidas pelos indivíduos, habitantes da urbe, com a cidade e entre seus pares. Cabe à Educação pensar sobre uma cidade que, embora desconhecida em muitos rincões, é importante para o estado, para o país e para o mundo e de sua singularidade partir para a universalidade que se estabelece na cidade moderna. Esta certamente é tarefa dos pesquisadores em educação.

Jataí é esta cidade. Cidade na qual tencionam e coexistem marcas do tradicional e do moderno. Lugar no qual há encantamento e estranhamento nos espaços de sociabilidade, onde comunidade e sociedade estão presentes em interação e tensão. Tais marcas, como visto nas entrevistas, apresentam-se na particularidade do cotidiano de cada aluna, mas vão além, como marcas universais na e da cidade. Portanto, em sua singularidade Jataí é expressão da universalidade da cidade moderna, que se constitui, para além do lugar, mais que uma aglomeração de pessoas e objetos, como um modo de viver. Nela vivem sujeitos que se assentam historicamente na cidade e estabelecem com Jataí uma relação ambígua.

IV Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos de sociologia**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix e USP, 1973.

BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. 5 ed. Trad. Mateus S. Soares Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. ____ (Org.) **Geografia da cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2001, p. 11-32.

DOURADO, Luiz Fernandes. **A interiorização do ensino superior e a privatização do público**. Goiânia: UFG, 2001.

ENCONTROS – TOMO 5. **Ernest Robert de Carvalho Mange** – Urbanista. Direção Roberto Moreira. Editor Itaú Cultural. São Paulo: Vídeo Imagens, 1996. Fita de Vídeo (16 min.), Série Encontros.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Trad. Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&D, 1999.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Frank Muller. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MELO, Nagela Aparecida de. **Interação Campo-Cidade**: a (re)organização sócio espacial de Jataí (GO) no período de 1970 a 2000. 2003. 179f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MIRANDA, Orlando de (org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo; razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Márcio Rodrigues. **Encontros e desencontros**: estudo do espaço urbano de Jataí - GO. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.